

TEM QUE LER
PERSONA

Em dezembro, com a transição já em curso, veio a decisão do STF de colocar uma pá de cal no Orçamento secreto, mas, a despeito das severas críticas que fizera na campanha, Lula autorizou seus auxiliares a oferecerem ao Congresso uma nova versão do mecanismo de distribuição de emendas em troca da aprovação da PEC da Transição. Foi Fernando Haddad quem, acompanhado de outros petistas, foi à RO pintar um quadro sombrio das contas públicas legado por Bolsonaro e Paulo Guedes:

—Se não for feito nada, este governo não termina e o próximo não começa.

Diante da promessa de ressurreição das emendas RP9 com outra sigla e da garantia de apoio a sua reeleição, Lira arregaçou as mangas e passou a trabalhar a favor do texto da PEC que, entre outras medidas, garantiu ao governo um extra-veto de gastos de R\$ 145 bilhões no primeiro ano, que lhe permitiria pagar o Bolsa-Família de R\$ 600 e honrar outros compromissos de campanha.

Foi a primeira vez em que Lula e seu time assistiram o método Lira de angariar votos. Em jornadas madrugadas, o presidente da Câmara chegou a receber apelo dos presidentes de seu partido, Ciro Nogueira, e do Republicanos, Marcos Pereira, para que trabalhasse contra o texto, pois essas siglas, juntamente com outras do Centro, assegurariam sua reeleição à presidência sem a necessidade de apoio do governo.

No dia seguinte, Lira foi até Ciro Nogueira:

—Eu estou disposto a fazer esse gesto. Você me apoia? Obteve o presidente do PP a garantia de que não trabalharia a bancada contra sua orientação. Ali se iniciava uma divergência interna que não chegou a abalar a amizade de ambos, mas que persiste ainda hoje.

Para passar a régua na vitória de Lira à reeleição com um recorde de 464 votos, veio o 8 de Janeiro, e a união dos três Poderes contra a tentativa de golpe selou de vez a decisão de Lula de não permitir que sua base lançasse algum nome contra o alagado. Dali em diante, a relação de ambos seria marcada por idas e vindas, desconfiança mútua, mas, inequivocamente, pela dependência do governo em relação ao czar da Câmara para que sua pauta, sobretudo a econômica, avançasse no primeiro ano.

As vésperas do carnaval deste ano, Lira estava inquieto com sinais de que o governo resolveria agir para minar sua influência na Câmara, cortando emendas e ignorando acordos em matérias já votadas. Tinha proferido um discurso colérico, em tom ameaçador, na abertura do ano legislativo. Via na ação do ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, com quem se estranha desde março passado, a personificação de seus problemas de acesso ao presidente. Acionou vários interlocutores de Lula até que conseguiu a garantia de uma audiência na sexta-feira pré-folia. Enumerou ao presidente as várias votações cruciais para o sucesso do governo que garantiria "no bra-

TENHO DO QUE RECLAMAR? SÃO 34 ANOS DE MANDATO. NÃO GERO EXPECTATIVA COM NADA



Vitória. Arthur Lira ao lado de Rodrigo Pacheco, Fernando Haddad e Lula durante a sessão solene no Congresso que promulgou a Reforma Tributária



Heriello O presidente da Câmara com o deputado Einar Nascimento, apontando como o seu favorito para a sucessão



Aliança. Elio presidente da Câmara com o senador Marcos Pereira, em 2021. Lira devolveu o gesto engajando-se na campanha de Bolsonaro no ano seguinte

ço", e as muitas vezes em que acordos foram selados com o aval de ministros como Haddad, Padilha e Rui Costa, da Casa Civil, e ainda assim foram descumpridos.

Não foi a primeira conversa em termos semelhantes que tiveram, depois de um início de governo em que Lula hesitava em receber Lira sem a presença de testemunhas. Numa delas, logo depois de um dos momentos de crise mais aguda, quando o presidente vetou mais de 30 pontos do Marco Legal de Garantias, em novembro, um irritado presidente da Câmara invocou o testemunho de Haddad.

Paulista, Arthur batiza o pai, bem-vindo de Lira, ex-senador e hoje presidente de Barra de São Miguel

"Meu pai tem 82 anos e está querendo ir para a reeleição. Eu não quero isso pra mim"

Arthur Lira, presidente da Câmara dos Deputados



dad de que o acordo para que não houvesse veto envolvia reuniões longas na RO em que até uma ata dos termos da negociação fora lavrada. O ministro da Fazenda deu razão a Lira.

Não era a primeira vez que uma matéria exaustivamente negociada, com Lira empunhando seu capital político para o governo vencer, recebia vetos não combinados. O mesmo aconteceu no arcabouço fiscal e no projeto que restabeleceu o voto de minerva nos julgamentos do Carf. E voltaria a acontecer no Orçamento e na renovação da folha de pagamentos de 17 setores da economia, desta vez com uma Medida Provisória enviada nos últimos dias do ano depois de o Congresso ter derru-

bado um veto de Lula.

No repetec da DR, em fevereiro, o presidente tentou sondar qual era a chance de Lira restabelecer relações com Alexandre Padilha. Ouviu que era nula, e sugeriu que, enquanto durasse a interdição, o alagado falasse com Rui Costa e diretamente com ele.

Lula também escutou outro apelo que não era inédito: estava precisando receber mais deputados e senadores. Lira ainda brincou que gostaria de conhecer aquele Lula que promovia churrascos e festas nos mandatos anteriores. Em uma das conversas que tiveram, o presidente chegou a lembrar, com certo saudosismo, que nos mandatos anteriores "mandava mais" que no atual.

O presidente também perguntou o que Lira planejava para o dia seguinte ao deixar a cadeira — resposta esta que foi vaga. Após passar o bastão ao sucessor, a ideia de ocupar um ministério de Lula não parece seduzir Arthur Lira. É difícil a alguém que foi chefe por tanto tempo passar a ser chefiado, portanto, passível de demissão. Além disso, dividir espaço no ministério com Renan Filho, herdeiro de seu inimigo histórico, o senador Renan Calheiros, não convence.

O caminho mais mencionado por ele quando se dispôs a tratar deste que é um assunto-tábua é eleger ainda mais prefeitos que os que hoje já orbitam em torno de si em Alagoas para, em 2026, ser eleito numa das vagas do Senado. Lula chegou a mencionar a pessoas próximas um plano em que tanto Renan quanto Lira seriam eleitos com seu apoio. Mas a guerra política entre eles no Estado é tão acirrada que o arranjo não convenciona o eleitorado.

Lira venceu a eleição para a prefeitura de Maceió em 2020 ao apoiar João Henrique Caldas, o JHC, no segundo turno. Em compensação, perdeu a disputa pelo governo com a vitória de Paulo Dantas,

aliado dos Calheiros, dois anos depois. Na mesma eleição, no entanto, fez a maioria da bancada de deputados federais. Uma lá, outra cá.

O último lance da briga envolve a disputa pela CPI da Braskem, instalada na última semana depois de insistência de Renan e contra a vontade de Lula e Lira. No entanto, numa outra demonstração de quão acirrada é a disputa por poder em Alagoas, o senador não conseguiu ser escolhido relator da comissão e pediu seu desligamento da investigação. Lira cede.

Em novembro, Lula reuniu os dois lados da guerra em torno de uma mesa no Planalto. Disse que não desejava a CPI nem a vinda da companhia para nenhum grupo nacional, bem como a pulverização de seus ativos no exterior. Ficou, ao menos pontualmente, do mesmo lado de Lira contra seus aliados de mais tempo no estado.

Se equilibrando entre a fama de coronel, que atribui um esteirito pela sua origem nordestina, e o mais recente verniz de queridinho do mercado que lhe foi dado pelo pacote de medidas econômicas que entregou, Lira costuma ostentar um lado familiar no qual desempenha, inclusive, a função de "pá", pelo fato de três dos cinco filhos terem lhe dado razão na briga com a ex-mulher.

São algumas das facetas de alguém que dorme pouco, articula muito, se irrita com facilidade, é temido pelos funcionários pelo tom colérico com que se dirige a eles e os assessores em série que demite, mas que, nas brechas de tudo isso, exibe um humor peculiar, chama a todos os deputados de "meu irmãozinho" e tem um dos raciocínios mais rápidos e pragmáticos de Brasília.

— Nunca daqui dessa cadeira vai partir a falta de diálogo — afirma, a despeito de alguns recados em contrário disparados recentemente.

Elenca como ativos o fato de se dedicar às pressas, de conhecer cada deputado pelo nome e saber das suas demandas, o que lhe daria "amplitude", característica da qual demonstra se orgulhar.

— Tenho do que reclamar? São 34 anos de mandato. Tenho 54. Meu pai tem 82 e está querendo ir pra reeleição. Eu não quero isso pra mim — assegura, enquanto desenha no detalhe a décima eleição.

— Escreva aí que eu não gero expectativa com nada — diz, em mais uma das econômicas declarações que aceitou dar para este perfil.

Vinda de alguém que controla o plenário no olho de cima da Mesa Diretora e passa dias esquadriando trações e programando os próximos passos que dará, eis uma afirmação difícil de acreditar.